

Autores:

Vânia Olária Pereira

Joana Cristina N. de Menezes Faria

Manoel Lima Cordeiro

Maria Cristina de Carvalho Batista Demori

Raniere André Fernandes

Título: CONSTRUÇÕES IDENTITARIAS: AUTO-RETRATO EM ARGILA

A criatividade e as faculdades para o estudo investigativo continuado podem parecer impróprias para o mundo dos trabalhadores. Assim, os estudantes do período noturno da modalidade EAJA, podem ser considerados inaptos para tais inteligências que, de resto, em uma tendência tecnicista, imediatista, podem ser consideradas também como coisas de quem não tem o que fazer.

Este artigo reafirma referenciais teóricos para uma educação integrada, em seu caráter edificante e humanizante para a classe trabalhadora, discutindo aspectos de uma experiência com criação artística vivenciada por estudantes do curso PROEJA FIC: Alimentação, na Escola Municipal de Tempo Integral Jardim Novo Mundo, em Goiânia – GO.

O bairro, a escola, os estudantes

O Jardim Novo Mundo é um bairro da região leste de Goiânia, lugar de grande diversidade econômica, com áreas de posse ou assentamento, mas também abrigando condomínios fechados, como o Aldeia do Vale. É o segundo maior bairro da cidade, com uma população maior que a de muitas cidades do interior e muitos de seus moradores vieram de outros estados do país. Relativamente próximo ao centro, cerca de cinco quilômetros, sedia o primeiro curso PROEJA FIC - Alimentação. Em uma parceria da Secretaria Municipal de Educação -SME com o Instituto Federal de Educação - IFG, visa o mundo do trabalho, integrando a educação fundamental com o ensino profissionalizante, na área de alimentação.

A Escola de Tempo Integral Jardim Novo Mundo é uma escola relativamente nova, inaugurada no dia 06/06/2009. Conta com instalações relativamente boas, comparando com outras escolas da RME. Sua área é grande, com piscina, campo de futebol, amplo estacionamento e uma área aberta. A cozinha é ampla e bem equipada, com refeitório, o que também favorece o curso. Para o trabalho artístico, e outros, é utilizada uma sala

específica que, mesmo sem os equipamentos ideais, ganhou um armário e fica perto de um sanitário, de onde retirávamos água.

Os estudantes estão em uma faixa de idade entre 20 e 65 anos, com a exceção de apenas dois mais jovens, com menos de vinte anos. São trabalhadores: costureiras, empregadas domésticas, eletricitas, motoristas, auxiliares administrativos, etc. São originários de diferentes estados, principalmente do norte e nordeste do país. São todos moradores do bairro, com a exceção de apenas cinco, que moram em bairros próximos, e três que moram em Senador Canedo.

A proposta pedagógica para o ateliê de auto-retratos em argila

A linguagem artística tridimensional e a modelagem com argila foi uma escolha dos estudantes, depois de discussões sobre diferentes manifestações artísticas visuais. A proposta com auto-retratos foi idealizada conforme o eixo Sujeito, Natureza e Conhecimento, e o mundo do trabalho, orientados pela proposta do curso. Esta proposta orienta também para a interdisciplinaridade.

Entretanto, essa metodologia ainda não tinha sido alcançada pelo coletivo de professores e consideramos que o ateliê de auto-retratos em argila foi desenvolvido apenas dentro das fronteiras da disciplina de artes visuais. Atualmente, uma pesquisa-ação está sendo iniciada, visando o desenvolvimento de um trabalho pedagógico com tema gerador e maior integração entre as disciplinas.

Contudo, o ateliê de auto-retratos em argila é fruto do trabalho colaborativo entre os professores do PROEJA FIC - Alimentação, o que, de acordo com Ramos (2004) favorece positivamente a construção de uma proposta metodológica interdisciplinar. Por exemplo, o professor de história/geografia conviveu com o grupo, colocando também suas experiências e conhecimentos com a arte e, muitas vezes, orientando diretamente as construções dos auto-retratos. Não raro, ele chegou a manusear os materiais, além de suas avaliações e considerações para o desenvolvimento das aprendizagens dos estudantes, com seus conhecimentos sobre arte, mas também fazendo relações com outros saberes, como matemática, por exemplo. A professora de português orientou as reflexões e a produção dos títulos e dos textos, com cada um/a do/as autores/estudantes.

Os demais professores, mesmo não participando diretamente, sempre demonstraram interesses e liberdades com aquelas produções. Possivelmente motivados por posturas pessoais de colaboração, simpatia, solidariedade e para o trabalho em equipe. Mas, ao que parece, em atitudes também desenvolvidas com o curso, com nossas ações anteriores buscando uma interdisciplinaridade: nossas percepções, ao que parece, é de que as 'matérias' não são apenas de 'seus' professores, que os alunos não são 'meus', mas nossos; que problematizações como a do mundo do trabalho e construções identitárias autônomas podem ser mediadas em rede, com todas as disciplinas.

Tentando desconstruir dicotomizações que prejudicam a classe trabalhadora em favor das elites, como: alta/baixa culturas; corpo/mente; arte/'arte popular' (labor e criatividade) e tentando desconstruir noções de arte como um dom, a relação da proposta com o mundo do trabalho se deu pelas (des) construções identitárias e pelo desenvolvimento de

conceitos/atitudes autônomas individuais e coletivas dos participantes, para suas inserções nas relações de poder da sociedade.

Tais aprendizagens de si próprio, a nosso ver, foram favorecidas pelas pesquisas artísticas, com as sistematizações, feitas pelos próprios estudantes, de seus processos de criação. Eles vivenciaram momentos criativos diferentes, refletindo com os seus 'cabeções' - expressão cunhada pelo professor de história apelidando o ateliê de auto-retratos em tamanho natural, que caiu em nosso gosto e ficou popular entre nós.

Primeiro, viram, sentiram e enfrentaram o desafio: a proposição da 'tarefa' suscitou-lhes reações diferentes, mas todas elas demonstrando a percepção de um problema e muitos, logo de início, envolveram-se. Os que mais resistiram, também com a noção de que arte é um dom e que não "davam conta", aprenderam compartilhando experiência com os outros e, mudando seus conceitos, aderiram, em seus tempos, mesmo depois do tempo previsto pela proposta.

No início, na fase de apenas preparar a argila e ainda sem saber da importância disso para a modelagem e para a secagem, parece que nenhum/a sentia prazer, como em trabalhos alienados do mercado.

Em seguida, com a modelagem, iniciaram seus processos para as construções mentais dos problemas que 'arrumaram' com a aceitação da proposta e apropriação dela para si: "*Professora, ficou torto... Qual é mesmo a proporção?*"; "*Professora, em quantas partes mesmo eu posso dividir a cabeça, pra servir como base?*". Como a demanda toda não estava sendo atendida, começaram a dialogar entre si... Alguns buscavam mais os seus pedaços de espelhos (um espelho foi dividido e compartilhado entre eles). Mas muito/as fizeram seus auto-retratos sem se olharem no espelho...

Para atender e orientar melhor (imaginem a inquietação de artista, quando começa a vislumbrar soluções para a obra!), foi tomada uma providência: um bom vídeo, sobre a modelagem de um retrato em argila foi apresentado, cerca de quarenta minutos. O vídeo é apenas um bom vídeo, mas foi aplaudido de pé, pelos estudantes. Como um vídeo pode ser aplaudido?

Talvez o que aconteceu foi que a necessidade de arte, às vezes tão negada para algumas pessoas, teve sua demanda atendida e os trabalhadores artistas ali sentiram a plenitude para suas faculdades... Sentiram-se livres para serem mais, como quer o mestre Paulo Freire (FREIRE, 1997, p. 21). Muitos, não agüentaram esperar o vídeo terminar: dividiam seu olhar entre a projeção e sua obra, com suas mãos trabalhando sem parar e, parece, a mente fervilhando. Talvez com os corações disparados.

Depois, começaram a aparecer novos momentos, para cada um/a dele/as: ao mesmo tempo em que se formavam, retratando-se com a descoberta de soluções para seus problemas artísticos, buscando as construções formais que queriam, descobriam a si próprios: Terezinha, por exemplo, avaliando seu auto-retrato, falou para o professor de história "*Veja, professor, o olho dela está me seguindo*". De fato, Terezinha (autônoma, costureira) parece ter encontrado uma solução artística como a que foi encontrada por Leonardo da Vinci, em sua Monalisa.

Esses acontecimentos caracterizaram completudes para os processos individuais dos estudantes, o que levou a sensação, para todos os participantes, de conclusão dos auto-retratos. Assim, essa ação pedagógica foi encerrada

Todos tiveram ali suas primeiras experiências com trabalho artístico tridimensional em argila. Com as qualidades dos resultados, consideramos que fica reforçado o valor da arte-educação para o desenvolvimento integral dos educandos, desde a mais tenra idade. Os estudantes do PROEJA FIC– Alimentação, no jardim Novo Mundo, só tiveram esse acesso depois de adultos, com esse curso.

Obras/espectadores/artistas

Seus auto-retratos são obras de arte e apresentam características comuns para essas obras em geral. Apresentam aspectos de reflexões individuais, como o desafio da modelagem e da busca de princípios para representações com tridimensionalidades; também revelam aspectos do desafio de se auto-retratar, buscando se conhecer melhor, desconstruindo auto-representações formais que não se quer, construindo outras representações, ideais, talvez. Ou naturalísticas e auto-centradas, ou mesmo, expressionistas de interioridades suas até então ‘encobertas’.

O que aconteceu foi que os estudantes/artistas imergiram, com suas obras, dessas três correntes básicas que os estudiosos estabelecem para a história da arte, recriando-as. De acordo com essas teorias, podemos considerar, por exemplo, que a Terezinha foi mais idealista, o Seu Antônio, mais naturalista e o Hernane, mais expressionista (Ostrower, 1983)

Mas isso, apenas cá entre nós professores, com nossas necessidades de intelectões e categorizações, pois os estudantes em geral - mesmo depois de suas aprendizagens com as tendências básicas para a arte, baseadas em Ostrower (1983), - fizeram como os artistas em geral: não se envolveram com essas rotulações que lhe eram dadas principalmente pela orientadora, e ficavam quietos, diante da fala da professora, demonstrando um ‘não fazer sentido’ ou, mesmo, impertinência daquilo, para seus processos criativos.

Mas com suas individualidades e subjetividades discutidas e enfrentadas, tocam o humano e, com isso, ‘falam’ com o universal: Todos nós, profissionais e estudantes do PROEJA FIC – Alimentação, ficamos impressionados também com a recepção dos ‘espectadores’, diante dos ‘cabeções’, nas duas exposições que fizemos.

Além de nossas próprias interpretações e recriações individuais com as obras de nossos ‘alunos’ (a idéia de sem luz, definitivamente, não se aplica!), interpretávamos também aquelas reações dos ‘espectadores’: percebíamos que silêncios, às vezes, também dominavam a relação, dentre outras atitudes ou comentários: um silêncio repleto de conversa densa, um diálogo humano de ensino e aprendizagem mútuos que obras de arte costumam instaurar. Verificávamos que eles não contemplavam, meramente, mas estavam sendo co-autores, em certo sentido. Comparamos esse ‘silêncio’ dos visitantes diante dos auto-retratos com outro silêncio que se pode verificar, por exemplo, nos

espectadores da pintura “A virgem dos rochedos”, de Leonardo da Vinci, exposta na National Gallery, em Londres.

Quanto aos estudantes/artistas, foi-nos possível observar alguns aspectos mais ou menos fixos de suas trajetórias identitárias, em nossas convivências diárias. **Apresentam características comuns, ordinárias para artistas em geral: continuam com suas vidas comuns, depois de todo o sucesso com as duas exposições, uma reportagem em um jornal e uma divulgação em um noticiário de TV.** Uns esperam inquietos o próximo ateliê e outros, enquanto esperam e com o pouco tempo de folga da empresa ou de seus trabalhos autônomos, fazem arte em suas casas, com recursos próprios, talvez de forma semelhante a Henry Rousseau (1844-1910), consagrado mestre francês da pintura, de uma classe social empobrecida, empregado em uma alfândega, em Paris.

Uns guardam seus auto-retratos em racks em seus quartos, um quarto muito limpo e organizado, com a cama estendida e o chão brilhando, arrumado nas poucas horas de folga do trabalho assalariado. O rack agora é um pedestal e a consideração, talvez, seja semelhante àquela da Virgem dos Rochedos, lá em Londres. A do rack, considerada expressionista – a do Hernane. A de Londres, idealista.

Outros guardam suas obras de arte na sala de suas casas, em uma exposição permanente, completando um circuito virtuoso para o mundo de ensino- aprendizagem da arte: artistasobrasespectadoresartistas...

Considerações finais

Assim, refutamos e combatemos pré-conceitos nocivos ainda existentes na educação em geral e também na de jovens, adolescentes e adultos trabalhadores. Vivenciamos uma experiência educativa com os participantes, no PROEJA FIC - Alimentação, e o objetivo deste texto é socializar essa experiência com nossos pares, profissionais da educação em geral e, especificamente, desta modalidade.

Como seguir acreditando em altas e baixas culturas e inserir os trabalhadores na categoria ‘dos de cultura inferior’, se suas eventuais situações de submissão ao trabalho autônomo ou assalariado alienados não o impedem de criar e construir conhecimentos, como seres humanos que são?

Como ‘quebrar’ os seres humanos em corpo, de um lado, e mente (ou espírito) de outro e considerar que o/as empobrecido/as e pré-ocupados, sol a sol, com suas subsistências não podem criar e desenvolver cognições gerais e específicas? ‘Gênios’ descorporificados nunca existiram, nem para arte, nem para as demais criações humanas... Pois, afinal, todos os ‘gênios’ se viram também voltados para seus cotidianos, lidando com as coisas ordinárias da vida; a construção de seus conhecimentos teve seus corpos como espaços de existência.

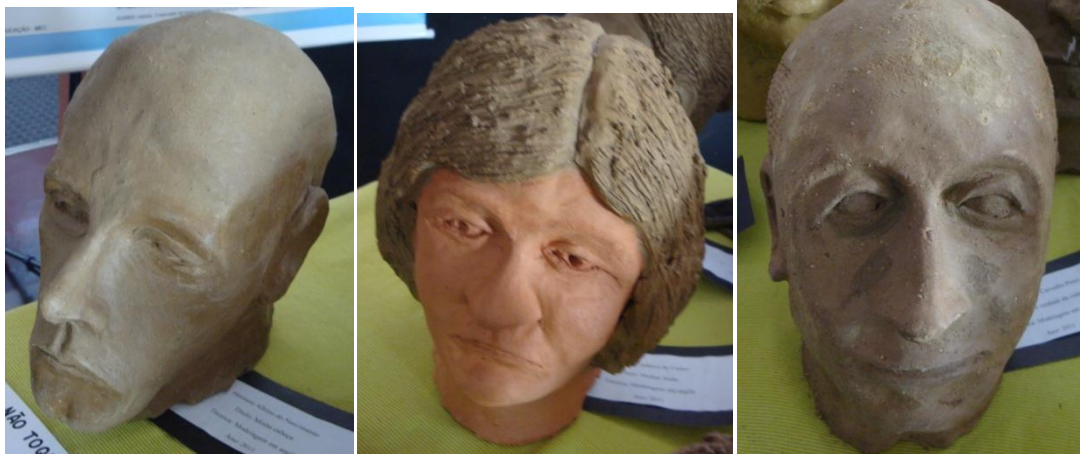
Com a criação artística dos estudantes, também refutamos a noção de arte como um dom, para esses poucos gênios 'iluminados', desligados das necessidades ordinárias da vida material, voltados para as coisas do espírito: os ricos.

Ora, com o ateliê de auto-retratos, há uma percepção clara: os estudantes/trabalhadores são ávidos necessitados da totalidade de manifestações humanas, para suas formações. Assim, são também ricos, pois essa característica é o que define uma pessoa rica – rica de espírito, como ouvimos do senso comum; mas também é essa necessidade de totalidade humana que define um “homem rico”, para Marx e Engels (1987, p. 64).

Também refutamos a divisão entre arte de ‘bom gosto’ (elite) e ‘arte popular’: como fazer tal discriminação, se obras hoje consideradas clássicas nasceram de circuitos populares e apenas foram transportadas de lugar, no jogo das relações de poder dos mundos do trabalho e da arte, sendo-lhes expropriadas do caráter democrático que as engendrou?

Buscamos favorecer politicamente as culturas e condições sociais de nossos ‘alunos’, defendemos noções democráticas - ‘populares’ - para o conhecimento e para a arte, valorizando seus engajamentos com as necessidades ordinárias da vida e combatendo a elitização da arte e a cientificação do conhecimento.

Evidentemente, são vocês, leitores, que poderão melhorar este texto, corrigindo as incompletudes e parcialidades que acabamos de apresentar-lhes. Assim, apresentamos um último argumento e convidamos-lhes a construir interpretações, a partir de suas próprias perspectivas e opções políticas, com a narrativa visual a seguir:



Legenda:

A. Educandos no processo de ???

B. Educandos no processo de ???

C. Exposição artística na SME.

D. Auto-retrato do aluno Hernane

E. Terezinha. Autoria: Joana Menezes-Faria (2011).

F. Auto-retrato do aluno Francisco



Referências

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

MARX e ENGELS. Escritos de juventud. In: MARX E ENGELS. **Obras fundamentales**: 1ª Reimpresión. México – DF: Fondo de Cultura Económica, 1987, vol. 1.

OSTROWER, Fayga. **Universos da Arte**. Rio de Janeiro: Campus, 1983.

RAMOS, M. Possibilidades e desafios na organização do currículo integrado ao ensino técnico. In: FRIGOTTO, G.; CIAVATTA, M.; RAMOS, M. (Org.). **Ensino médio integrado**: concepção e contradições. 2. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2005. cap. 4.